Boletim Paulista de Geografia

AGB SÃO PAULO DESDE 1934

Dossiê
Geografia e Marxismo

Lefebvre, homem de periferia, esclarece Tempo de Equívocos

Amelia Luisa Damiani

Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo, São Paulo, Brasil.
ameluisa@usp.br

Odette Carvalho de Lima Seabra

Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo, São Paulo, Brasil.
odette.lima.seabra@gmail.com



Boletim Paulista de Geografia

Ano: 2026

N°: 116

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.



Lefebvre, homem de periferia, esclarece Tempo de Equívocos

Resumo

Trata-se da resenha do livro-entrevista de Henri Lefebvre *Le temps des méprises*, traduzido Tempo de equívocos, por Pedro Denski e Sérgio Martins. Um registro crítico excepcional sobre o século XX, que certamente reverbera no século XXI.

Palavras-chave: Henri Lefebvre; Século XX; Alienação e mistificação; Movimento dialético do vivido e do concebido; Redefinição conceitual.

Lefebvre, a Man of the Periphery, Illuminates Time of Errors

Abstract

This is a review of *Le temps des méprises*, a Henri Lefebvre's book-length interview, translated into Portuguese as Tempo de equívocos by Pedro Denski and Sérgio Martins. It offers an exceptional critical account of the twentieth century, one that clearly resonates in the twenty-first century as well.

Keywords: Henri Lefebvre; Twentieth century; Alienation and mystification; Dialectical movement between the lived and the conceived; Conceptual redefinition.

Lefebvre, homme de la périphérie, éclaire Le Temps des méprises

Resumé

Il s'agit d'un compte rendu du livre-entretien de Henri Lefebvre, *Le Temps des méprises*, traduit en portugais sous le titre Tempo de equívocos, par Pedro Denski et Sérgio Martins. Cet ouvrage constitue un témoignage critique exceptionnel sur le XXe siècle, dont les résonances se font assurément sentir au XXIe siècle.

Mots clés: Henri Lefebvre; XX esiècle; Aliénation et mystification; Mouvement dialectique du vécu et du conçu; Redéfinition conceptuelle.

Lefebvre, homem de periferia, esclarece Tempo de Equívocos

Henri Lefebvre se definia como um homem de periferia. De tantas formas periférico, que somente esse modo de se apresentar já significa muito para todos nós. Este modo de se compreender envolve sua história de vida e, bem cedo, sua perspectiva filosófico-política. A periferia propõe a sombra, assombrando o centro, este, simultaneamente, como realidade e força de representações.

O século XX define-se pelo poder, pela centralidade das estratégias e pelo embotamento das possibilidades históricas. Para seu enfrentamento, o autor expõe a crítica ao estruturalismo e à fenomenologia desse século, como cisão entre o concebido e o vivido. Em seu lugar, a revivescência do conceito de alienação e sua trajetória na prática. Ele diz: "recuso a autossuficiência do conceito, mas não rejeito o conceito nem o concebido". Para ele, "perdemos o trajeto do conceito, sua trajetória na prática, no vivido." A alienação seria um revelador do vivido, "em sua obscuridade ... a do bloqueio das possibilidades, ... [d]os aspectos múltiplos de uma experiência: a dificuldade de realizar o possível." Elevada ao extremo, a alienação chega à mistificação: a inversão das relações sociais; a ilusão, internalizada como experiência verdadeira. O fundamento dessa apreensão crítica é a relação entre o concebido e o vivido. O contexto revela a contextura do que acontece no e como século XX, que privilegiou a escrita ao invés da fala, a desdisse; que autonomizou todas as conquistas do século: a ciência, a arte, a política, a economia; e fomos nos acantonando, enredados em torno de nós mesmos e separados, uns dos outros.

A cotidianidade e a produção do espaço, concepções às quais se dedicou, não podem ser deixadas de fora do pensamento, reduzidas ao cotidiano como trivialidade e ao espaço como inerte, neutro; nelas, inversamente, a busca do deciframento da recondução das relações sociais de produção, dialeticamente propondo novos conceitos, que alcançam as bases sociais da experiência vivida: a exploração, ao nível da vivência, apresenta-se como dominação e humilhação, tríade que aproxima as formas de consciência da instauração do cotidiano programado. A produção do espaço como valor de troca, mercantilizado, é o solo dessa cotidianidade, sujeitando e, ao mesmo tempo, propondo seu outro: o emprego do tempo, como uso insurgente, colidindo com o tempo enquanto forma de valor de uso, imerso na

cotidianidade das formas mercantis, sob o jugo do valor de troca, que chega à predominância das formas especulativas da economia.

Assim foi na obra de Lefebvre e, não poucas vezes, em parceria com Norbert Guterman, não somente em relação ao que escreveram e viveram juntos, mas também a distância dolorosamente vivida por ambos. Incluindo a dificuldade de Lefebvre de ser aceito nos EUA, para onde migrou Guterman. O distanciamento também explica o sentimento de ausência, que dialeticamente não se separa da presença. Presença e ausência são indissociáveis nesse universo de produção de separações.

Eis aqui a explosiva concepção de mistificação. Ela é atuante, muitas vezes nebulosa, escondida, até malquerida, rejeitada ao exame. Apenas compreendida no âmbito da concepção de alienação, como legado da dialética idealista e invertida pelo materialismo dialético, norteia a obra de Lefebvre. Necessária à compreensão crítica das contradições do mundo moderno, sendo ele, moderno, forjado a séculos.

O nazismo, constituído como poder institucionalizado, já no processo de formação, se definia como obstrução histórica e, ainda hoje, torna-se corrente vislumbrar sua sedução, mundo afora.

A ideia central para o autor é a da alienação, que ativa a mistificação, a explica; refletir sobre a consciência mistificada chega até a desconfiança do vivido.

No livro de Lefebvre *La somme et le reste*, livro que encantou René Lourau, por tratar-se de um expurgo aos idealismos, quaisquer que sejam, nele não há separação entre o saber e o viver, o conhecimento e a prática, nem entre o indivíduo e a sociedade. Daí falar de si mesmo despudoradamente: de sua infância, sua juventude, seus pais e suas diferenças, seus amores, tão centrais. Trata-se de um homem amoroso, deixado de lado, obstruído, agredido, incompreendido e todos os dissabores, enfrentados política e conceitualmente: assim, a centralidade da reprodução das relações sociais; do cotidiano e da cotidianidade; da produção do espaço; do Estado e das estratégicas; a totalidade da relação necessária entre pensar e viver, conhecimento e prática... A sua luta é a da insubmissão, pois nos escapa a realidade concreta e resta o mar profundo das representações.

Que vejam o que quiserem, avalia Lefebvre: autor subestimado que parece vaguear entre temáticas diferentes e, portanto, acessando mais ou menos, mais de um campo de conhecimento. Dentro do partido comunista, subvertendo seus ditames e, simultaneamente, não o deixando por 30 anos. Encontrou o sentido do stalinismo, a força da alienação política, antes de sua crise, e sua substância revivescida como império de institucionalizações, imperativo da era das estratégias.

A autogestão é o horizonte de sua conduta desde jovem. Dela jamais desistiu como saída da história e não como fim da história.

Tantos amores perdidos, amigos deixados no caminho, mal-entendidos sem fim. Um occitano na França, Occitânia da qual nunca desistiu. Entre os direitos, o direito às diferenças está presente em todos os confins do homem que ele foi.

Ao caminhar por este texto é possível perceber como Lefebvre valorizou os contextos de vida, de trabalho, do amor e, sobretudo, da política. Percurso iluminado pelo esforço dos intelectuais de cada época com os quais dividiu problemas, enigmas e pensamentos sobre as lutas do século XX. Um tempo inscrito na História por duas guerras mundiais e pelas lutas coloniais de libertação nacional. Século das revoluções camponesas, das migrações campo-cidade e da formação das grandes metrópoles mundiais; período no qual cresce a consciência de problemas novos com a mundialização das nações e dos povos, agora em escala planetária.

Aos 15 anos, Lefebvre descobrira Spinoza e já havia lido Nietzsche. O grupo de filósofos ao qual pertencia procurava um caminho e Lefebvre, interessando-se por filosofia, foi deixando a matemática.

O pensamento de Lefebvre será organizado, conduzido, fundado na contradição-conjunção, que consiste na categorização central da sua produção intelectual. Hegel e Marx estiveram presentes em todos os momentos dos seus trabalhos e estudos científicos, metodologicamente coerentes com o Materialismo Histórico e Dialético de Marx.

A esse propósito afirmou que as contradições mudam e que: "para encontrar o fio que me guia no labirinto e para determinar qual contradição emerge como essencial, não tenho outro meio senão escrever", assegurou.

As relações com as vanguardas dos anos vinte estimulam o grupo de filósofos a editar a *Revue Marxiste*; esta foi a terceira publicação do grupo.

O estilo de vida dos surrealistas era muito apreciado; Dada, Éluard que, através da poesia, metamorfoseavam a cotidianidade, viviam em estado de graça poética. Desde 1925, conforme Lefebvre, os surrealistas estavam atolados numa contradição entre a literatura e a escrita de um lado, e a vida como obra viva de outro, frente à vida como obra.

Tornavam-se literatos. Tristan Tzara não cansou de escrever sobre isso pois, polemicamente, mantinha a ideia de uma a-literatura.

A teoria marxista do deperecimento do Estado, rapidamente aniquilada por Stalin, motivou o engajamento dos filósofos e poetas surrealistas no movimento comunista.

Entre 1928 e 1936, o Partido não se limitou a seguir o aparelho político da União Soviética. Um punhado de militantes lançou as bases da organização comunista e plantou as raízes na população francesa. A cada onda de acontecimentos vinham as interrogações. Não se tratava de heresias a conspurcar a doutrina. Diz Lefebvre tratar-se de periferias, que não se referem apenas à distância de um centro. O espaço social não se define apenas por distâncias mensuráveis.

"Não me apresentaria como herege porque fui periférico em todos os domínios. Apenas os periféricos alcançam a consciência e o conhecimento dos centros. Sempre que retorno dos Pirineus recobro uma viva consciência de Paris, suas seduções e perigos. Constato a imensa separação entre o povo mergulhado na vida cotidiana e o elitismo intelectual, inclusive de esquerda. Gosto de dizer que sou occitano, ou seja, periférico e mundial. É nas periferias que nascem as heresias."

A sociedade urbana exibe centros e periferias por vezes escalonados, justificados a diferentes títulos e diferentes graus de integração-desintegração em relação ao centro. Na sua materialidade, expressam a utopia negativa do capital. Nesse sentido, as periferias, guardadas as particularidades locais, são heresias do capital. A sociedade moderna como um todo é construída sobre o desconhecimento do mecanismo da mais-valia e também daí a possibilidade para o fascismo impor representações invertidas, para que germinem no fluxo do cotidiano os

produtos dos pensamentos. Os homens desenvolvem, ao mesmo tempo que a produção e o comércio, os produtos dos seus pensamentos.

A militância partidária colocou certas indagações teóricas e práticas. A vida militante era assumida como um apoio, um arrimo, havia um chão sob nossos pés, escreveu Lefebvre.

A atividade militante, pouco depois da fundação do Partido Comunista, era uma atividade fraterna. Contudo, o movimento comunista acabou por abandonar seu terreno e instalou-se no de seus adversários, quando o Estado Stalinista se encarregou do crescimento econômico e se tornou modelo para outros Estados e partidos burgueses. Desaparece um modo de ser que comportava certa crítica e superação da política como tal. Esse modo de ser não se devotava à atividade política enquanto atividade especializada porque a política, com seus objetivos, fins e utopia, era seiva a alimentar o coração e as mentes. Na União Soviética, o marxismo transformava-se em crítica das ideologias e tinha difusão planetária, já nas primeiras décadas do século XX. Pois, sob os desígnios de Marx, os proletários de todo mundo deveriam se unir contra a exploração capitalista.

Quem considera o stalinismo um fato histórico que se distancia no tempo não entende nada do que se passa ao nosso redor com a consolidação do Estado e seus aparelhos.

Os clássicos da filosofia pensaram o espaço matemático, lógico, abstrato. Em Lefebvre, elucidar o espaço social como conceito, sem perder a conexão necessária com o tempo, exige retomada da filosofia num plano novo. Seria a metafilosofia. É preciso desmembrar, desconstruir a filosofia para dela extrair o que nos permitiria desvendar esse caminho.

Na aurora dos tempos modernos, ou seja, do capitalismo, do neocapitalismo, do imperialismo, das revoluções modernas e da mundialidade, diz Lefebvre que "a filosofia teria apresentado sua renúncia". Para abordar a realidade concreta, faz apropriação de determinados conceitos, o de alienação, espaço, diferença, Estado... para levá-los às últimas consequências.

O autor não busca uma ideia exitosa; "o que importa é conseguir oferecer a uma época seu equipamento analítico, o instrumental para sua própria elucidação."

A vida nos Pirineus até a juventude deixou um lastro que permitiu pensamentos muito profundos e até *sui generis*. Refere-se a uma cultura subterrânea, transmitida por

séculos, de riqueza prodigiosa. A cultura dos provérbios que precedeu a cotidianidade. Era cotidiana, mas desprovida de pobreza, da miséria da cotidianidade. A transmissão oral dos provérbios, das receitas, tanto as de cozinha quanto as eróticas, foi oprimida, esmagada pela cultura escrita, pelo oficial, pelo lógico e pela "logicização".

Assim, a linha do tempo pressuposta e descrita permite refletir sobre circunstâncias e eventos, e oferece a oportunidade para compartilhar experiências vividas.

Este texto é tão estimulante a ponto de ser impossível *dormir nas contradições, que pululam*. Dentre os acontecimentos, aqueles de 1968 aparecem em toda sua amplitude, como um momento de contestação mundial: "reconheciam as análises contestadoras do vivido, da sexualidade, da vida cotidiana, das condições concretas da sociedade existente." A mundialidade da contestação inclui a simultaneidade da divulgação dos escritos. A edição francesa de *L'irruption de Nanterre au sommet*, de Lefebvre (Édition Anthropos, Paris, 1968) foi traduzida no Brasil, na mesma data: *A irrupção – A revolta dos jovens na sociedade industrial: causas e efeitos*, incluindo debates e outros escritos autorais, além do referido livro de Lefebvre (Editora Documentos, São Paulo, 1968)

Somente Sérgio Martins e Pedro Denski, nossos amigos, têm o sentido exato da sua nomeação. Assim se explica a tradução tão primorosa que assinam, o prefácio de Sérgio, que atravessa a obra de Lefebvre e nela situa o livro *Tempo de Equívocos*, baseado numa extensa entrevista que acontece como totalidade da experiência do autor sobre o século XX, enquanto pensador e militante; e a intervenção final de Pedro, demonstrando a problematização do título do livro, para alcançar "a complexa dinâmica de expectativa, ilusão e revés", que ele contém. Inúmeras, extraordinárias notas não só informam a bibliografia, como não descuidam do contexto, da apreciação dos conteúdos em seus fundamentos.

Nossos amigos tradutores não se afastam sequer irrisoriamente deste homem, Henri Lefebvre, socialista, pensador, militante, um homem que só se apreende nesta delicada imersão nos contextos que o explicam, como foi se tornando e como sempre pode ser. O horizonte é o porvir, o futuro, a considerar grupos amplos como os jovens, as mulheres, os periféricos...; da revolução proletária o chamamento de mudar a vida.

O filósofo Henri Lefebvre nasceu nos Pirineus, Occitânia-França, em 1901 e viveu 90 anos. Um homem do Século XX.

Referências

LEFEBVRE, Henri. **Tempo de equívocos**. Tradução de Pedro Denski e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2025. ISBN 978-65-5863-714-0.

Como citar este artigo:

DAMIANI, Amelia Luisa; SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Lefebvre, homem de periferia, esclarece Tempo de Equívocos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 116, p. 92-101, 2026. DOI: https://doi.org/10.61636/wb5wfn22

Recebido em 10 de dezembro de 2025

Aceito em 20 de setembro de 2026

Sobre as autoras:
Amélia Luisa Damiani possui graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo (1975), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1985), doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1993), livre-docência em Geografia Urbana pela Universidade de São Paulo (2008), titular em Geografia (2010-2019), professora sênior: 2019-2023. Atualmente é professora doutora da Universidade de São Paulo, enquanto professora sênior. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: cotidiano, urbano, urbanização crítica, produção do espaço e metrópole.

Odette Carvalho de Lima Seabra possui graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo (1970); especialização em Economia Regional e Urbana (1975) obtido na Faculdade de Economia e Administração, da Universidade de São Paulo; mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1979), e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1987) e Livre Docente (2003) na Universidade de São Paulo. Atualmente exerce função de Professor Associado no Departamento de Geografia da FFLCH da Universidade de São Paulo; orienta dissertações de mestrado e teses de doutorado em duas linhas de pesquisa:" Urbanização e modo de vida" e, "Urbanização e a Economia Política do Espaço". É membro correspondente da associação" La Somme et le Reste", sediada em Paris. Coordenadora do Grupo de Estudos Geografia e Modernidade, que estuda a empresa de serviços públicos no Brasil: Brazilian Traction. Tem experiência na área de Geografia Humana, com ênfase em Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: cidade, centralidade, periferia, metrópole, espaço, modernidade.

Editoração:

Igor Carlos Feitosa Alencar

Thell Rodrigues